

TARDE

Antônio Rodrigues de Souza

A chuva mais densa
na tarde mais longa
o vento mais frio

Vestida de inverno a cidade é íngreme
como vaca enraivecida.

Nó na garganta
o olhar contempla a letra

Há quem diga que a tarde
é um laço no boqueirão deserto

Para que tragédia, mãe
se há telhas, pombos e luzes?

A velha cospe da janela
observa o relógio e sorri

É o sopro de Gênesis:
as coisas que não cantam
embrutecem.

FAMÍLIA

Antônio Rodrigues de Souza

Sobre o xadrez da toalha
a faca inoxidável
e a flor recortada no cabo da faca.

O encontro de mãos
e palavras inchadas.